

Avanços significativos da luta política do Povo de Santo

“O futuro pertence aqueles que se prepararam hoje para ele.”

“Não se pode separar paz de liberdade porque ninguém consegue estar em paz a menos que tenha liberdade.”

“As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos.”

Malcolm X

“A arma mais poderosa do opressor é a mente do oprimido!”

Steve Biko

INFORMATIVO
ESPECIAL

Respeito à liberdade de culto é o presente que queremos deixar para as gerações futuras!



Grupo Pró-Conferência Nacional Sobre Liberdade Religiosa

A palavra **resistência** faz parte do cotidiano do povo negro desde sua retirada violenta da África até os dias atuais. Várias foram as formas encontradas pelos negros de resistir à escravidão, à tortura, à dor e à saudade. Uma delas foi se apegar aos elementos místicos que compunham o imaginário afro-religioso e, num amálgama cultural recriá-los em terras brasileiras com o mesmo conteúdo mas, de acordo com a

necessidade, com roupagem diferente.

Desde os disfarces que se desenvolveram como sincretismo religioso até a visita das mães-de-santo lideradas por Mãe Aninha ao presidente Getúlio Vargas, foi uma longa jornada de perseguições, humilhações, sofrimentos e mortes em nome da religiosidade de matriz africana em nosso país. Mas mesmo assim o povo-de-santo resistiu e travou uma das

mais belas histórias de sobrevivência e adaptação de uma cultura na história da humanidade.

Isso se deu não só no Brasil, mas em vários países da diáspora sendo que, no caso brasileiro, por conta das nossas próprias idiossincrasias como nação, a resistência tomou contornos muito próprios, pois o fato de sermos o país da “democracia racial” e da “liberdade religiosa” sempre nos levou a ter que lutar, antes de tudo com a idéia de somos nós que queremos trazer a idéia de discriminação, de racismo e, pasmem!, da intolerância religiosa para o nosso país.

Nas últimas décadas ganhou corpo em todo o país as caminhadas do povo-de-santo pela vida e liberdade religiosa. Começou em Salvador, depois se espalhou por todo o país. Hoje grandes e pequenas cidades realizam caminhadas religiosas como formas de demonstrar força política, unidade entre si e respeito à diversidade religiosa.

No entanto, este modelo começou a mostrar sinal de esgotamento uma vez que as caminhadas trazem pouco do sentido de desdobramento e continu-

“As religiões são caminhos diferentes convergindo para o mesmo ponto. Que importância faz se seguimos por caminhos diferentes, desde que alcancemos o mesmo objetivo?”

Gandhi

“Seja a mudança que você quer ver no mundo!”

Dalai Lama

“Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão!”

Confúcio

idade de um processo político mais consequente.

Neste contexto – de avaliação que precisávamos ir além das caminhadas – um conjunto de organizações, casas religiosas e lideranças políticas, lançou em 2009, durante a II Conferência Nacional de Igualdade Racial, a proposta de criação do Fórum Nacional de Religiões de Matrizes Africanas. Este Fórum, saudado à época como a *C N B B n e g r a* (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), surgiu após intensos debates onde setores – inclusive alguns ligados à religiosidade –, afirmavam que seu surgimento não teria sentido, já que eles – estes setores – arvoravam-se em ser a única e possível “voz” da religiosidade de matriz africana em nosso país.

O Fórum Nacional de Religiões de Matrizes Africanas foi criado e se hoje ainda não está estruturado deve-se, única e exclusivamente, às dificuldades financeiras inerentes a um projeto como este que, desde seu nascedouro, não contou com aporte financeiro nem do governo, nem das agências financiadoras que tradicionalmente apóiam iniciativas ligadas à temática étnico-racial.

No entanto, é tempo de ousar e a ousadia que vem movendo a formulação de propostas e ações políticas em torno

da defesa da liberdade religiosa e da luta contra a intolerância em nosso país ganha um novo capítulo com a proposição de uma Conferência Nacional Sobre Liberdade Religiosa.

A compreensão de que a intolerância grassa de Norte a Sul e que poucas têm sido as medidas eficazes para combatê-la, leva-nos a pensar que somente um grande acordo de convivência entre os distintos grupos religiosos existentes em nosso país poderá levar a termo o mito que muitos vendem: que o Brasil é um país que respeita, de verdade, a liberdade de culto.

O Brasil que tem belas leis e assina todos os tratados sobre liberdade de culto do Sistema ONU é o mesmo país que não consegue punir com rigor casos em que judeus, muçulmanos, baha'is, candomblecistas, umbandistas, wiccanos, rastafáris, praticantes do Santo Daime e tantas outras religiões não-cristãs são cotidianamente discriminados por serem apenas o que são: praticantes de uma religião diferente.

Nossa compreensão é que a discriminação surge antes de tudo do desconhecimento que um tem da prática religiosa do outro, do preconceito e do racismo que não dá suas caras, mas é latente na sociedade brasileira. E para que não tenhamos daqui 15, 20 ou 30 anos um país dominado por uma teo-

cracia pentecostal que não respeita os avanços sociais de grupos tradicionalmente discriminados, não entendem que os direitos humanos são universais e que Deus se manifesta de diferentes formas a diferentes culturas, é que urge a necessidade de realização desta Conferência Nacional Sobre Liberdade Religiosa.

Acreditamos que o exemplo dado pelas nossas mais velhas – matriarcas das religiões de matrizes africanas em nosso país – estão vivos em nosso fazer político atual. A resistência é a palavra-chave, a luta é nossa constância e propor ações é nosso papel.

Basta agora que arregacemos nossas mangas, mantenhamos intacta a fé e nos fortaleçamos a cada dia para o que está por vir, tendo sempre a certeza que o que fazemos não é por nós mas é em memória à nossa ancestralidade e em respeito e responsabilidade com as gerações futuras.

Marcio Alexandre M. Gualberto

Awofakan ni Orunmila O-gunda Trupon Omo Aganju

Assessor Político da Coordenação Nacional do CEN